

Entrevista

Paloma Bonfil Sánchez

Historiadora, etnohistoriadora y doctora en sociología rural mexicana. Se ha dedicado al trabajo para y con mujeres indígenas, desde la función pública, la academia y la sociedad civil organizada. Ha sido consultora de instituciones federales y estatales dedicadas a la atención de población indígena y femenina; de organismos internacionales como ONU MUJERES, PNUD y UNICEF; y de organizaciones de la sociedad civil. Es integrante y fundadora del Grupo Interdisciplinario sobre Mujer, Trabajo y Pobreza GIMTRAP AC, desde donde ha realizado actividades de investigación, consultoría y acompañamiento en temas como ciudadanía de mujeres indígenas; género e interculturalidad. Ha publicado más de 50 artículos y trabajos en México y en el extranjero y tiene cuatro libros de su autoría. Le gusta la gente, leer, bailar y tocar la jarana.

amantina015@gmail.com

Mujeres: realidades y perspectivas

Al comenzar esta conversación quisiera preguntarle, ¿es posible distinguir movimientos de mujeres y movimientos feministas? ¿En qué sentido? ¿Hay un movimiento feminista o es mejor hablar de diversidad de movimientos feministas en diversos lugares?

Paloma Bonfil Sánchez - Básicamente, se trata de una distinción política: hay movimientos de mujeres que no tienen una perspectiva de derechos, que no cuestionan las estructuras patriarciales, la raíz de la división sexual entre masculino y femenino; entre hombres y mujeres; la diferencia sexual que ha determinado la desigualdad social. Hay movimientos de mujeres que luchan por el agua, por servicios; movimientos políticos, de partidos políticos; son movimientos femeniles pero no necesariamente feministas.

Cuando hablamos de feminismos, estamos hablando de derechos en toda su amplia gama, no podemos hablar de un solo feminismo, hay muchas corrientes; es una ideología, es un proceso político que está en dinamismo constante. En todo momento hay nuevas propuestas y contradicciones; hay pugnas y alianzas. El movimiento feminista no es una sola corriente de pensamiento y propuesta de cambio. Se trata de una movilización por los

Mulheres: realidades e perspectivas

Para começar nossa conversa, gostaria de perguntar se há distinção entre os movimentos de mulheres e os movimentos feministas. Em que sentido? Há um movimento feminista ou é melhor falar de uma diversidade de movimentos feministas, em diversos lugares?

Paloma Bonfil Sánchez - Basicamente, trata-se de uma questão de política: existem movimentos de mulheres que não tem uma perspectiva de direitos, que não questionam as estruturas patriarcais, a raiz da divisão sexual entre o masculino e o feminino; entre homens e mulheres; a diferença sexual que determinou a desigualdade social. Há movimentos de mulheres que lutam pela água, pelos serviços; movimentos políticos, de partidos políticos; são movimentos femininos, mas não necessariamente feministas.

Quando falamos em feminismos, estamos nos referindo à ampla gama de direitos. Não é possível falar de um único feminismo, tem muitas correntes. É uma ideologia, um processo político com um dinamismo constante. Toda hora surgem novas propostas e contradições; há lutas e alianças. O movimento feminista não é uma única corrente de pensamento nem possui uma única proposta de mudança. Trata-se de uma mobilização pelos

El movimiento feminista es un mosaico que ocurre a nivel mundial. Hoy se encuentran los feminismos descolonizadores, los feminismos del sur, los feminismos raciales, una serie de expresiones que tienen que ver con lo que se busca reivindicar.



derechos de las mujeres que aparece en varios lugares y con perspectivas muy diversas y que incluso tiene divisiones que podrían parecer a veces contrapuestas. Es importante distinguir eso.

Los movimientos feministas son diversos por los lugares y coyunturas en que se expresan; por los objetivos que buscan; tienen diferentes grados de radicalismo. Existen organizaciones muy distintas: las que quieren cambiar todo: las estructuras sociales, la ideología, la conceptualización, los marcos legales, son aquellas que hablan de la necesidad de refundar la sociedad para que contemos con espacios igualitarios; y existen otras más conciliadoras,

las que apuntan a construir más colectivamente, que hablan de alianzas con los varones feministas y con otros movimientos.

Esta diversidad de posicionamientos tiene también expresiones geográficas, no solo en distintos países, sino incluso dentro de un mismo país. En el libro de Gisela Espinosa, *Cuatro vertientes del feminismo en México, diversidad de rutas y cruce de caminos*, la autora identifica algunos de esos diversos postulados, aunque hay más, como el movimiento popular, el feminismo indígena, el feminismo originario. El libro recoge la propuesta de una serie de pensadoras y lideresas políticas que iniciaron el movimiento feminista mexicano hacia los 70. Como se ve, sí hay diferencias entre movimientos de mujeres y movimientos feministas. El movimiento feminista es un mosaico que ocurre a nivel mundial. Hoy se encuentran los feminismos descolonizadores, los feminismos del sur, los feminismos raciales, una serie de expresiones que tienen que ver con lo que se busca reivindicar.

¿Cuáles son los principales temas presentes en la agenda de los movimientos feministas hoy?

Paloma Bonfil Sánchez - Depende desde dónde se consideren. Hoy me parece un desafío –y muy importante– el de los feminismos de la diversidad, porque son propuestas que enriquecen nuestra mirada de la sociedad; propuestas que si logran abrirse



direitos das mulheres que acontece em vários lugares com perspectivas diversas, e até mesmo apresentando divisões que, às vezes, podem parecer opostas. É importante distinguir isto.

Os movimentos feministas são diversos: pelos lugares e pelas conjunturas que os impulsionam a se expressarem; pelos objetivos que perseguem. Possuem diferentes graus de radicalismo. Existem organizações muito distintas: aquelas que querem mudar tudo – as estruturas sociais, a ideologia, a conceptualização, os marcos legais – são as que falam da necessidade de refundar a sociedade para que possamos contar com espaços igualitários; e aquelas, mais conciliadoras, que procuram construir mais coletivamente, que falam de alianças com os homens feministas e com outros movimentos.

Esta diversidade de posturas se expressa também geograficamente, não só em diversos países, mas também dentro de um mesmo país. No livro de Gisela Espinosa, *Cuatro vertientes del feminismo en México, diversidad de rutas y cruce de caminos*, a autora identifica alguns desses diversos postulados, embora existam outros, como o movimento popular, o feminismo indígena, o feminismo originário. O livro recolhe a proposta de uma série de pensadoras e de líderes mulheres, no âmbito da política, que iniciaram o movimento feminista mexicano por volta dos anos 70. Como é possível observar, existem, sim, diferenças entre movimentos de mulheres e movimentos feministas. O movimento feminista é um mosaico que ocorre a nível mundial. Hoje é possível se deparar com os feminismos descolonizadores, os feminismos do sul, os feminismos raciais, isto é, com uma série de expressões que se relacionam com aquilo que se deseja reivindicar.

Quais são hoje os principais temas presentes na agenda dos movimentos feministas?

Paloma Bonfil Sánchez - Depende de onde partam. Hoje acredito que os feminismos da diversidade são um desafio muito importante porque são propostas que enriquecem o nosso olhar sobre a sociedade; são propostas que, caso consigam abrir-se caminho, permitirão que vivamos democracias mais representativas no sentido mais puro da palavra; democracias onde as muitas expressões da composição social tenham espaço para se expressarem: como a diversidade sexual, a diversidade cultural, a diversidade regional e, incluso, a diversidade geracional. Isto me parece

muito importante. A demanda consiste em buscar a forma de ter igualdade de direitos respeitando nossas diferenças. Acho que essa é a grande aposta: a universalidade dos direitos reconhecendo as particularidades dos grupos, embora haja discussões muito diferentes em diversos pontos do mundo.

Faz tempo estive num seminário sobre feminismo europeu. Acho que foi há dez anos atrás e na apresentação se discutia sobre os ventres de aluguel. Era uma reflexão sobre por que as mulheres deviam ficar grávidas e submeter seu corpo à gravidez e às implicâncias desse processo. A discussão me pareceu bastante barroca e pertencente a uma realidade alheia às perguntas que nos fazíamos aqui... No entanto, hoje vemos as mulheres muçulmanas tentando defender a sua própria humanidade. O feminismo abrange reivindicações muito diversas.

Quando falamos em feminismos decoloniais, em feminismos do sul e em diversidade, vejo importante a proposta do feminismo indígena. O feminismo decolonial afirma que todas as mulheres sofremos opressão patriarcal, mas também afirma que enfrentamos outras opressões e que elas nos impedem de ir à luta pelas mesmas reivindicações, desde uma mesma posição. Na Guatemala, por exemplo, uma mulher indígena e uma ladina¹ precisam estender certas pontes para caminhar juntas na procura de um mesmo objetivo, porque estão cercadas de racismo e de desigualdades de classe. As mulheres que dão impulso ao feminismo indígena também reivindicam o âmbito coletivo: desde seu território; desde seu povo e desde a sua identidade. E essas reivindicações são muito importantes porque nos obrigam a repensar nossas democracias; a reconhecer desde onde as estamos imaginando e que coisa fica do lado de fora, invisível. A mesma coisa



O movimento feminista é um mosaico que ocorre a nível mundial. Hoje é possível se deparar com os feminismos descolonizadores, os feminismos do sul, os feminismos raciais, isto é, com uma série de expressões que se relacionam com aquilo que se deseja reivindicar.

camino, van a permitir que vivamos democracias más representativas en el sentido más puro de la palabra, en donde las muchas expresiones de la composición social tengan espacios para expresarse: como la diversidad sexual, la diversidad cultural, la diversidad regional o incluso generacional. Eso me parece muy importante. La demanda es buscar cómo tener igualdad de derechos respetando nuestras diferencias. Creo que esa es la gran apuesta: la universalidad de los derechos, reconociendo las particularidades de los grupos que se los apropián aunque, ciertamente, hay discusiones muy diferentes en distintos puntos del mundo.

Hace tiempo me tocó estar en un seminario sobre feminismo europeo. Fue hace como diez años y la presentación giraba en torno a la discusión sobre los vientres rentados; en una reflexión del porqué las mujeres debían embarazarse y someter su cuerpo al embarazo y las implicaciones de este proceso. Era una discusión que me pareció totalmente barroca y de una realidad tan lejana a las preguntas que nos hacíamos por acá...; sin embargo, por otro lado, vemos hoy a las mujeres musulmanas tratando de defender su misma humanidad. El feminismo engloba muy distintas reivindicaciones.

Cuando hablamos de los feminismos decoloniales, de los feminismos del sur y de la diversidad, me parece muy importante la propuesta del feminismo indígena. El feminismo decolonial dice que todas las mujeres sufrimos opresión patriarcal, pero que también enfrentamos otras opresiones que no nos permiten marchar por las mismas reivindicaciones, desde una misma posición. En Guatemala, por ejemplo, una mujer indígena y una ladina¹ tienen que tender ciertos puentes para ir juntas hacia un mismo objetivo, porque hay en medio racismo y desigualdades de clase. Las mujeres que impulsan el feminismo indígena también reivindican el ámbito colectivo: desde su territorio, desde su pueblo y su identidad. Y esas reivindicaciones son muy importantes porque nos obligan a repensar nuestras democracias; a reconocer desde dónde las estamos imaginando y lo que queda afuera, invisible. Lo mismo sucedió en su momento, en Estados Unidos, con el feminismo negro o con el feminismo de las mujeres de los pueblos originarios. Se trata de procesos muy distintos.

Estos feminismos – subordinados o marginales – tienen que dar una lucha hacia afuera, ante la sociedad homogénea nacional y ante las mayorías; y otra lucha hacia adentro, en un proceso en el que las mujeres se tienen que posicionar en sus pue-

blos, frente a sus compañeros, en sus estructuras políticas y de poder. Por eso es una lucha doble y por eso estos son los feminismos que más me atraen como propuesta, como proceso y también como apuesta.

¿Cuál sería hoy la relación entre los nuevos feminismos y el sistema patriarcal vigente?

Paloma Bonfil Sánchez - Yo no soy una voz autorizada, pero creo que se han puesto en la mesa varias tensiones. Por un lado, existe un discurso feminista de género que se ha institucionalizado, que ha perdido filo, a partir del cual los Estados nacionales empiezan a reconocer las demandas de las mujeres, van construyendo un discurso de derechos de las mujeres, creando instituciones y marcos legales, y se van apropiando también de los espacios de movilización, de protesta; hacen un uso funcional al sistema del planteamiento crítico de estos movimientos. Esa es una tensión que se ha marcado muy fuertemente, pues en el momento en que el Estado expropia el discurso y la acción feminista para fundamentar su propia institucionalidad y, en última instancia, para reproducir las relaciones de poder (porque la verdad es que no se transforman), aparece un reto enorme para los movimientos feministas, pues, por un lado, se está luchando por abrir espacios, por conseguir presupuestos, por tener respuestas del Estado y de la sociedad; mientras, por otro, es necesario estar pendiente de que su discurso y sus prácticas no sean enajenadas por parte del Estado y de sus representaciones institucionales.

La otra tensión tiene que ver no solo con el patriarcado, sino con el pensamiento de la reacción,



Estos feminismos – subordinados o marginales – tienen que dar una lucha hacia afuera, ante la sociedad homogénea nacional y ante las mayorías; y otra lucha hacia adentro, en un proceso en el que las mujeres se tienen que posicionar en sus pueblos, frente a sus compañeros, en sus estructuras políticas y de poder.



Foto Ángeles Henríquez

aconteceu, na sua época, nos Estados Unidos com o feminismo negro e com o feminismo das mulheres dos povos originários. Trata-se de processos muito diferentes.

Esses feminismos – subordinados ou marginais – precisam levar adiante uma luta externa, isto é, diante da sociedade homogênea nacional e diante das maiorias; e uma luta interna, ou seja, as mulheres precisam se posicionar diante do seu povo, dos seus companheiros, dentro das estruturas políticas e de poder. Por isso, é que se trata de uma luta redobrada e é, por isso, que são esses os feminismos



Esses feminismos – subordinados ou marginais – precisam levar adiante uma luta externa, isto é, diante da sociedade homogênea nacional e diante das maiorias; e uma luta interna, ou seja, as mulheres precisam se posicionar diante do seu povo, dos seus companheiros, dentro das estruturas políticas e de poder.

que me atraem como proposta, como processo e também como aposta.

Qual seria hoje a relação entre os novos feminismos e o sistema patriarcal vigente?

Paloma Bonfil Sánchez - Não sou uma voz autorizada, mas acho que há sobre a mesa várias tensões. Por um lado, existe um discurso feminista de gênero que se institucionalizou, que perdeu o gume, e a partir do qual os Estados nacionais começam a reconhecer as demandas das mulheres, começam a construir um discurso de direitos das mulheres - criando instituições e marcos legais -, e começam a se apropriar dos espaços de mobilização, de protesto. Apresentam ao sistema as críticas desses movimentos. Essa é uma tensão muito forte, já que na hora que o Estado expropria o discurso e a ação feminista para fundamentar sua própria institucionalidade e para, enfim, reproduzir as relações de poder (porque, na verdade, elas não se transformam), aparece um desafio enorme para os movimentos feministas. Isto porque, por um lado, luta-se para abrir espaços, para conseguir orçamento, para ter um retorno do Estado e da sociedade e, pelo outro, é necessário prestar atenção para que seu discurso e suas práticas não sejam alienados pelo Estado e pelos seus representantes institucionais.

de las fuerzas conservadoras –en nuestra región y en todos lados. Las propuestas feministas pueden describirse como movimientos pendulares a nivel mundial; y hace tiempo que varias voces han estado señalando que hoy vivimos una especie de reflujo que se ha producido después de los años 90. En aquel tiempo, alcanzamos un clímax de reconocimiento de derechos, de construcción de marcos internacionales, de apertura. Hoy estamos viendo el posicionamiento de visiones fundamentalistas, no solo islámicas, en que las iglesias y la sociedad conservadora buscan avanzar y echar para atrás los derechos y espacios alcanzados por las mujeres y por otros sectores sociales. Hoy mismo se discute si el golpe en Brasil no es también un golpe patriarcal contra una mujer en el poder, puesto que las formas asumidas por el ataque político han sido profundamente sexistas. Este tipo de tensiones son algo muy fuerte y peligroso para un movimiento cultural, civilizatorio, como lo es el feminismo en todas sus expresiones.

Otro punto importante es lo que sucede cuando una sociedad se encuentra en una condición como la de México, en un estado casi fallido, con una profunda ruptura del tejido social en todos los ámbitos; en donde vivimos una crisis de derechos humanos brutal, de impunidad, de falta de legitimidad, de “mal humor” –como califica el Presidente Peña Nieto el descontento social– y además de terror generalizado. En estas condiciones, uno se pregunta: ¿cuál es el papel de una propuesta feminista o de muchas propuestas feministas que buscan incluir a todos? La mayor apuesta del feminismo es afirmar: “no queremos un poder sobre, sino un poder con”, pero, ¿qué posibilidades, qué viabilidad tiene un proyecto con estas características en los momentos que estamos viviendo actualmente? Es una tensión importante, un cuestionamiento para el que no tengo respuesta. Creo que lograr grandes cosas, transformaciones profundas no es en este momento lo fundamental, lo posible o lo estratégico, sino permanecer, seguir siendo una de las tantas voces para construir otra realidad, como las que intentan defender los recursos naturales para evitar las amenazas de supervivencia de tres generaciones; o las que intentan defender la diversidad o defender la paz.

Creo que es importante sostener esas banderas, aunque a veces es deprimente, frustrante. No se ven resultados, ni respuestas y la situación es cruel, muy abrumadora y creo que nos deja como sociedad civil, como población, muy desmovilizados y desesperanzados. En ese sentido, como pensamiento

y práctica, el feminismo permite voltear hacia adentro y ver que quizás es tiempo de las cosas chiquitas, de modificar lo que está al alcance de la mano, es decir, pensar globalmente y moverse a escala micro, operar micro, localmente.

¿Existe una relación entre el sistema patriarcal y los avances legislativos nacionales e internacionales en torno a los derechos humanos de las mujeres? ¿Qué puede decírnos sobre este tema?

Paloma Bonfil Sánchez - Yo creo que, en primer lugar, los avances legislativos legitiman la demanda de derechos de las mujeres, que hoy contamos



Foto Ángeles Henríquez



Hoy mismo se discute si el golpe en Brasil no es también un golpe patriarcal contra una mujer en el poder, puesto que las formas asumidas por el ataque político han sido profundamente sexistas.

Este tipo de tensiones son algo muy fuerte y peligroso para un movimiento cultural, civilizatorio, como lo es el feminismo en todas sus expresiones.

A outra grande tensão tem a ver não só com o patriarcado, mas com o pensamento da reação, das forças conservadoras - na nossa região e em todo lugar. As propostas feministas podem ser descritas como movimentos pendulares a nível mundial. Apareceram várias vozes, já faz tempo, indicando que hoje vivemos um refluxo surgido após os anos 90. Naquele tempo, atingimos o clímax de reconhecimento de direitos, de construção de marcos internacionais, de abertura. Hoje assistimos ao posicionamento de visões fundamentalistas, não só islãs - as igrejas e a sociedade conservadora buscam avançar e derrubar os direitos e os espaços alcançados pelas mulheres e por outros setores sociais. Atualmente, se discute se o golpe acontecido no Brasil não é também um golpe patriarcal

Atualmente, se discute se o golpe acontecido no Brasil não é também um golpe patriarcal contra uma mulher no poder, visto que as formas assumidas para o ataque político foram profundamente sexistas. Esse tipo de tensões é muito forte e perigoso para um movimento cultural, civilizatório, como é o feminismo em todas suas expressões.



poder com". Que possibilidades, que viabilidade possui um projeto com essas características nos tempos que vivemos atualmente? É uma grande tensão, um questionamento para o qual não tenho respostas. Parece-me que conseguir grandes coisas, transformações profundas, o possível ou o estratégico não é o fundamental neste momento, e sim permanecer, continuar sendo uma das tantas vozes para construir outra realidade, como as que tentam defender os recursos naturais para evitar as ameaças de sobrevivência de três gerações, ou as que tentam defender a diversidade ou defender a paz.

Considero importante levantar essas bandeiras, embora às vezes seja deprimente, frustrante. Não se veem resultados nem respostas, e a situação é cruel, muito cansativa. Acho também que essa situação nos deixa, como sociedade civil, como população, muito desmobilizados e sem esperança. Nesse sentido, como pensamento e prática, o feminismo permite nos voltarmos para dentro, para comprovar, talvez, que é tempo de coisas pequenas, de modificar aquilo que está ao alcance da mão, ou seja, que é tempo de pensar globalmente e se mover a escala micro, operar micro, localmente.

Existe alguma relação entre o sistema patriarcal e os avanços legislativos nacionais e internacionais em torno dos direitos humanos das mulheres? O que pode nos dizer sobre esse tema?

Paloma Bonfil Sánchez - Eu acredito, em primeiro lugar, que os avanços legislativos legitimam a demanda de direitos das mulheres. Hoje é possível



contra uma mulher no poder, visto que as formas assumidas para o ataque político foram profundamente sexistas. Esse tipo de tensões é muito forte e perigoso para um movimento cultural, civilizatório, como é o feminismo em todas suas expressões.

Outro ponto importante é o que acontece quando uma sociedade se encontra nas condições do México, ou seja, na situação de estado falido, de uma profunda ruptura do tecido social em todos os âmbitos; um país onde se vive uma crise de direitos humanos muito grande, onde há impunidade, falta de legitimidade, onde há "mal humor" - como denomina o Presidente Peña Nieto o descontentamento social - e onde o terror é generalizado. Nessas condições, a gente se pergunta: qual é o papel de uma proposta feminista e de muitas propostas feministas que buscam incluir a todos? A maior aposta do feminismo é afirmar: "não queremos um poder sobre, mas um



Foto: Archivo México

con algunos instrumentos legales para exigir derechos. Eso no se puede negar, eso también es un vaso medio lleno, pero si se volteá para ver el vaso medio vacío, se observa que, al menos en México, los marcos legales y normativos no sirven de mucho; que existen muchas normativas que son más discursivas que correctivas; que se sigue pensando en la defensa de los derechos como el castigo de las violaciones de esos derechos, en vez de construir, de transformar estructuras institucionales, sociales, culturales, para alcanzar la igualdad sustantiva y no, en cambio, para quedarnos en la igualdad discursiva. Si ha habido cambios muy importantes. Hay también transformaciones generacionales y culturales que permiten que las nuevas generaciones ya no imaginan a las mujeres encajonadas en el puro rol tradicional y que les permiten pensar que las mujeres tenemos no solo el derecho, sino la posibilidad de desempeñarnos en muchos ámbitos, e inclusive de equivocarnos. Es muy importante transformar los imaginarios de género, es algo que se necesita en todos los sectores: contar con una ley de acceso para las mujeres a una vida libre de violencia. Eso es dar un paso adelante. Como no estoy segura de que sea un

Es verdad que hay mayor escolaridad femenina, que ha bajado la tasa de natalidad - lo que es un respiro para las mujeres -, pero la mayoría de las mujeres sigue viviendo las mismas opresiones, la misma violencia, la misma falta de capacidad en la toma de decisiones, falta de opciones, de autonomía, de tiempo propio.



avance semejante contar con una ley de paridad para la participación política – porque el sistema democrático que tenemos no funciona –, es una democracia representativa que cada vez hace más agua – aunque, sin duda, es importante que haya mujeres en esos espacios.

El punto es cómo hacemos para que esos avances normativos, legislativos y de derechos, se conviertan en algo práctico y no solo para minorías, pues los avances aún son minoritarios. Es verdad que hay mayor escolaridad femenina, que ha bajado la tasa de natalidad - lo que es un respiro para las mujeres-, pero la mayoría de las mujeres sigue viviendo las mismas opresiones, la misma violencia, la misma falta de capacidad en la toma de decisiones, falta de opciones, de autonomía, de tiempo propio. Las mujeres seguimos ganando menos que los varones por realizar las mismas funciones. El avance aún no está garantizado ni es completo. No hemos logrado pensar ni legitimar, como sociedad, que mujeres y hombres tenemos los mismos derechos y capacidades. En ocasiones, cuando uno está en el activismo con movimientos de mujeres, en los movimientos feministas, uno se cansa de repetir las cosas. Las demandas parecieran verdades de perogrullo, pero lo cierto es que en México todavía hay muchas mujeres que no conocen sus derechos y que estos marcos legales tan avanzados, que podrían representar una gran oportunidad, les son desconocidos a la población, e incluso a las mismas autoridades encargadas de ejecutarlos. Pese a todo, tenemos que celebrarlos y no quedarnos en la celebración. Tenemos que seguir apuntando hacia la exigibilidad, tenemos que lograr que las

É verdade que existe uma maior escolaridade feminina, que diminui a taxa de natalidade - e isto é um respiro para as mulheres - , mas a maioria delas continua vivendo as mesmas opressões, a mesma violência e a mesma falta de condições para a tomada de decisões; vivenciam falta de opções, de autonomia, de tempo próprio.



contar com alguns instrumentos legais para exigir direitos, é a metade cheia do copo. Agora bem, se paramos para ver a metade vazia, observaremos que, ao menos no México, os marcos legais e normativos não têm muita utilidade; que existem muitas normativas que são mais discursivas do que corretivas; que se continua pensando na defesa dos direitos como castigo das violações contra esses mesmos direitos, em vez de construir, de transformar estruturas institucionais, sociais, culturais, para alcançarmos a igualdade substantiva e não para ficarmos na igualdade discursiva. Houve, sim, mudanças muito importantes. Há também transformações geracionais e culturais que fazem com que as novas gerações não só já não imaginem as mulheres restritas ao puro papel tradicional, mas pensem que temos, além do direito, a possibilidade de nos desempenharmos em muitos âmbitos e, inclusive, de cometermos erros. É muito importante transformar os imaginários de gênero, é algo necessário em todos os setores: contar com uma lei de acesso para as mulheres a uma vida livre de violência. Isso é avançar um passo. Como não tenho certeza de que seja um avanço semelhante contar com uma lei de paridade para a participação política - porque o sistema democrático que temos não funciona -, é uma democracia representativa que cada vez faz mais água - embora, sem dúvida, seja importante que haja mulheres nesses espaços.

A questão é como fazer para que esses avanços normativos, legislativos e de direitos se tornem algo prático e não algo para minorias, porque, de fato, eles são minoritários. É verdade que existe uma maior escolaridade feminina, que diminuiu a

taxa de natalidade - e isto é um respiro para as mulheres -, mas a maioria delas continua vivendo as mesmas opressões, a mesma violência e a mesma falta de condições para a tomada de decisões; vivenciam falta de opções, de autonomia, de tempo próprio. As mulheres, continuamos ganhando menos que os homens, mesmo exercendo as mesmas funções. O avanço ainda não está garantido nem é completo. Ainda não conseguimos, como sociedade, pensar e legitimar o fato de as mulheres e os homens terem os mesmos direitos e capacidades. Há ocasiões em que, atuando no movimento de mulheres, nos movimentos feministas, a gente se cansa de repetir as coisas. As demandas parecem verdades já sabidas e, no entanto, no México ainda existem muitas mulheres que não conhecem seus direitos, e que, além do mais, desconhecem - assim como o resto da população - os avançados marcos legais que poderiam representar uma grande oportunidade para elas. Marcos legais que, inclusive, as próprias autoridades encarregadas de executá-los, desconhecem. Apesar de tudo isto, temos que celebrar que eles existam, mas não podemos ficar na comemoração. Precisamos continuar apontando o caminho para a exigibilidade, precisamos conseguir que as instituições cumpram com suas obrigações e que a cidadania tome conhecimento. Temos que alcançar as condições necessárias para que esses avanços não se limitem unicamente à formulação dos direitos, mas também a possibilidade de exigí-los e exercê-los.

Comente quais são as resistências que a Sra. observa, nos Estados, para que se reconheça que os direitos humanos não são neutros.

Paloma Bonfil Sánchez - Eu acho que não se pode imaginar o Estado como uma entidade monolítica que age univocamente; dentro de suas estruturas há muitos resquícios. As instituições mudam e no México, em particular, a institucionalidade é uma questão associada de maneira muito estreita às pessoas; e as decisões dependem de quem está no poder, dependem da sensibilidade de quem toma as decisões e de quem encabeça uma instituição para que se avance no gozo dos direitos. No entanto, continuam prevalecendo fortes resistências - mas das que imaginávamos ou gostaríamos que houvesse - e inclusive uma resistência passiva. No México, na mobilização acontecida no dia 24 de abril, e durante a campanha em redes sociais sobre *meu primeiro acoso* [mi primer acoso], fiquei impressionada com as reações violentas despertadas pelas denúncias massivas das mulheres. Refiro-me

instituciones cumplan con sus obligaciones y lograr que la ciudadanía se entere. Tenemos que alcanzar las condiciones necesarias para que estos avances no sean solo la formulación de los derechos, sino también la posibilidad de exigirlos y ejercerlos.

Comente cuáles son las resistencias que usted nota en los Estados para reconocer que los derechos humanos no son neutros.

Paloma Bonfil Sánchez - Yo creo que uno no puede imaginar al estado como una entidad monolítica que actúa unívocamente; dentro de sus estructuras hay muchos resquicios. Las instituciones cambian y en México, en particular, la institucionalidad es una cuestión asociada muy estrechamente a las personas; y las decisiones dependen de quien esté en el poder, dependen de la sensibilidad de quien toma las decisiones o de quien encabeza una dependencia o una institución para que se avance en el disfrute de derechos. No obstante, siguen prevaleciendo fuertes resistencias, más de las que imaginamos o quisiéramos; y hay también una resistencia pasiva. En México, en la movilización del 24 de abril y durante la campaña en redes sociales sobre *mi primer acoso*, me impresionó la violencia de la reacción ante las denuncias masivas de las mujeres, los comentarios que aparecieron en las redes sociales dirigidos a las mujeres que exponían su caso, sobre todo a aquellas que son figuras públicas. La agresividad y la contundencia son impresionantes. Aparecieron mucho más comentarios de hombres reafirmando la agresión, apoyando la agresión o amenazando nuevamente a las mujeres que denunciaron en las redes sociales, que



La agresividad y la contundencia son impresionantes. Aparecieron mucho más comentarios de hombres reafirmando la agresión, apoyando la agresión o amenazando nuevamente a las mujeres que denunciaron en las redes sociales, que hombres que se sintieran tocados y conmovidos por lo que leyeron – que también los hubo.

hombres que se sintieran tocados y conmovidos por lo que leyeron –que también los hubo. Es un fenómeno muy impresionante, una reacción muy violenta que se asocia a la situación de violación de derechos de las mujeres, a la violencia generalizada contra las mujeres en nuestro país, y que se agrava y profundiza con la impunidad. Todo eso está vinculado también a las resistencias institucionales, porque a las autoridades estas violencias no les parecen relevantes; de ahí que sentar a los tomadores de decisiones a nivel federal y estatal en cursos, talleres formativos sobre políticas con perspectiva de género, con indicadores de género, sea tan difícil. Algunos lo toman como obligación y pocos le encuentran utilidad. No es un tema que les parezca importante. Esta resistencia es más grave en las localidades pequeñas, en los municipios, pues en ellos queda a decisión de la autoridad local asumir estas acciones. Algo que sucede con frecuencia es que se instaura una frágil institucionalidad porque puede representar recursos para el municipio, los mismos que se aplican a obras de desarrollo, de modo que si les es posible, desvían los recursos de atención a las mujeres y sus necesidades específicas para aplicarlos, en el mejor de los casos, en pequeñas obras públicas como pintar un muro, techar una cancha o hacer una bodega. Si hicieramos un análisis del presupuesto destinado para transformar la condición de las mujeres, veríamos que cada vez va a menos en institucionalidad, en peso político, en presencia de mujeres en puestos de decisión. Hoy tenemos una sola gobernadora, las presidentas municipales son minoría. Yo pienso que en México hay retroceso y, si volvemos al ejemplo de Brasil, al golpe de estado legislativo, lo primero que se vio fue un nuevo gabinete: todos hombres, todos blancos y todos mayores, fuera de la toma de decisiones quedaron los jóvenes, las mujeres, la diversidad racial. Con esto quiero decir que el problema no es de un país, es un momento de reflujo generalizado muy álgido.

En relación al feminicidio que ha habido en la región en los últimos tiempos, ¿cree que los avances legislativos son suficientes y efectivos para combatirlo? ¿Qué caminos podrían hacer esos avances efectivos?

Paloma Bonfil Sánchez - Yo no creo que los marcos legislativos sean suficientes aunque sí necesarios. Ya está tipificado el feminicidio, pero este sigue ocurriendo y con mucha saña. Se agrede y se mata a las mujeres por el hecho de ser mujeres y porque el agresor o los agresores tienen poder

aos comentários que apareceram nas redes sociais, dirigidos às mulheres que expunham seu caso, sobretudo os dirigidos por aquelas que são figuras públicas. A agressividade e a contundência são impressionantes. Houve muito mais comentários de homens que reafirmavam e apoiam a agressão, e até mesmo renovavam as ameaças às mulheres que fizeram a denúncia nas redes sociais, do que homens que se sentiram atingidos e comovidos com o que liam - que também houve. É um fenômeno que surpreende; uma reação muito violenta associada à situação de violação de direitos das mulheres, à violência generalizada contra as mulheres, no nosso país, e que se agrava e se aprofunda com a impunidade. Tudo isso também está vinculado com as resistências institucionais, porque para as autoridades estas violências não são relevantes. Por isso, é tão difícil conseguir que aqueles que tomam decisões, no nível federal e estadual, assistam aos cursos, oficinas, eventos formativos sobre políticas com perspectiva de gênero, com indicadores de gênero. Alguns veem esses cursos como uma obrigação e uns poucos acham que não tem utilidade nenhuma. Não consideram que esse tema seja importante. Esta resistência é mais grave nas localidades pequenas, nos municípios, pois neles são as autoridades locais as que tem poder de decidir se querem assumir essas ações. Uma coisa

A agressividade e a contundência são impressionantes. Houve muito mais comentários de homens que reafirmavam e apoiam a agressão, e até mesmo renovavam as ameaças às mulheres que fizeram a denúncia nas redes sociais, do que homens que se sentiram atingidos e comovidos com o que liam - que também houve.

que acontece com frequência é a instauração de uma institucionalidade frágil que pode representar recursos para o município, aqueles mesmos que se aplicam para obras de desenvolvimento. Quando podem, desviam os recursos que eram destinados a atender às mulheres e as suas necessidades específicas para aplicá-los, no melhor dos casos, em pequenas obras públicas, tais como pintar um muro, colocar cobertura numa quadra esportiva ou fazer uma adega. Se fizéssemos uma análise do orçamento destinado para transformar a condição das mulheres, veríamos que cada vez há menos em institucionalidade, em peso político, em presença das mulheres em cargos de decisão. Hoje temos uma única governadora, as presidentas municipais são minoria. Acho que no México está havendo um retrocesso e se voltarmos ao exemplo do Brasil, ao golpe de estado legislativo, observaremos que no novo gabinete são todos homens, todos brancos e todos idosos. Ou seja, os jovens, as mulheres e as diversas raças ficaram de fora dos cargos de decisão. Com isto, quero dizer que o problema não é de um país, mas é um momento de refluxo generalizado e crítico.

Com relação ao feminicídio que ocorreu na região, nos últimos tempos, acha que os avanços legislativos são suficientes e efetivos para combatê-lo? Que caminhos poderiam percorrer esses avanços efetivos?

Paloma Bonfil Sánchez - Eu não acho que os marcos legislativos sejam suficientes, embora sim sejam necessários. O feminicídio já foi classificado,



Foto Angeles Henriquez

De igual forma, las redes sociales denuncian cientos de casos de desaparición de mujeres que no se resuelven. Por eso no basta con las leyes para enfrentar un problema como el feminicidio, que es la expresión última de la violencia contra las mujeres; que es una práctica derivada de considerar a las mujeres desecharables, sustituibles y además, no importantes.



sobre ellas. Las alertas de género, que constituyen un recurso público para atender casos de violencia, para sensibilizar a las autoridades y reducir la impunidad, para llegar al fondo de los casos, son socorridas de manera insuficiente y en varias de las entidades federativas en donde se han solicitado, no las aceptan. Así, tenemos la clara resistencia de las autoridades en Michoacán, en el Estado de México, en donde no ha habido voluntad política para decretarlas y en donde se suceden asesinatos de mujeres todos los días. De igual forma, las redes sociales denuncian cientos de casos de desaparición de mujeres que no se resuelven. Por eso no basta con las leyes para enfrentar un problema como el feminicidio, que es la expresión última de la violencia contra las mujeres; que es una práctica derivada de considerar a las mujeres desecharables, sustituibles y además, no importantes. La violencia de este país tiene muchos peligros, pero el peligro más grande es el de inmunizarnos ante una mujer violada multitudinariamente, desaparecida, maltratada, asesinada. Corremos el peligro de volvemos indiferentes ante los cuerpos en fosas clandestinas, expuestos en redes sociales. ¿Cómo hacer para que estos casos sean la excepción? ¿Cómo lograr que la tipificación de los feminicidios sea no solo efectiva, sino que además signifique el reconocimiento de la inaceptabilidad de esta forma de violencia contra las mujeres? El feminicidio tiene penas muy altas para los asesinos, pero aun así las cárceles están saturadas, por lo que no están siendo la solución. Tendría que haber una forma de recuperar humanidad, de buscar respuestas que no sean solo la cá-

cel, respuestas que permitan recuperar espacios de esperanza, de solidaridad, porque, como sociedad, estamos perdiendo el sentido de los derechos, de la dignidad, de la convivencia humana y el Estado no está haciendo ese trabajo, lo está haciendo la sociedad civil en sus acotados espacios.

¿Qué aportes fundamentales han hecho las mujeres para avanzar en la reflexión sobre sus propios derechos y para la construcción de una sociedad más digna para todas y todos? ¿Las mujeres aportamos para avanzar en igualdad?

Paloma Bonfil Sánchez - Hay aportes de las mujeres en distintos planos: a nivel filosófico, en el ámbito político, ha sido fundamental el movimiento feminista en sus distintas expresiones, porque toca a todas las personas. Si, por ejemplo, hablamos desde un movimiento religioso, este se dirige a quienes profesan una fe o un credo; si hablamos de un movimiento de diversidad sexual, los convocados serán, sobre todo, quienes participan de esta opción; y lo mismo ocurre desde un movimiento político. Pero cuando hablamos de la importancia de valorar la identidad última y personal de cada persona, esa propuesta nos toca



Foto Ángeles Henríquez

mas continua ocorrendo e com muita crueldade. Cometem-se agressões, as mulheres são mortas pelo simples fato de serem mulheres e porque o agressor ou os agressores tem poder sobre elas. Os alertas de gênero, que constituem um recurso público para atender casos de violência, para sensibilizar as autoridades e reduzir a impunidade, para chegar ao fundo dos casos, são socorridos de maneira insuficiente e, em várias entidades federativas onde foram solicitados, não foram aceitos. Desta maneira, vê-se uma clara resistência por parte das autoridades de Michoacán, no Estado do México, onde não houve vontade política para decretar esses alertas e onde acontecem assassinatos de mulheres todos os dias. De igual forma, as redes sociais denunciam centenas de casos de desaparecimento de mulheres que não são resolvidos. É por isso que as leis não são suficientes para enfrentar o feminicídio, que é o grau mais alto de violência contra as mulheres e uma prática derivada da crença de que as mulheres são descartáveis, substituíveis e carecem de importância. A violência neste país tem muitos perigos, mas o maior deles é o de ficarmos imunizados diante de uma mulher violentada de forma multitudinária, diante de uma mulher desaparecida, maltratada, assassinada. Corremos o risco de nos tornarmos indiferentes diante dos corpos em fossas clandestinas que são expostos nas redes

sociais. Como fazer para que aqueles casos sejam uma exceção? Como fazer para que a classificação dos feminicídios seja efetiva e para que dela decorra o reconhecimento da não aceitação dessa forma de violência contra as mulheres? O feminicídio possui penas muito altas para os assassinos e, no entanto, as prisões estão cheias, de onde se deduz que não está sendo a solução. É preciso que exista uma forma de recuperar humanidade, de procurar respostas que não se reduzam à prisão, respostas que permitam recuperar espaços de esperança, de solidariedade, porque, como sociedade, estamos perdendo o sentido dos direitos, da dignidade, da convivência humana, e não é o Estado que faz esse trabalho, mas a sociedade civil em seus espaços restritos.

Quais são as contribuições fundamentais feitas pelas mulheres para o avanço da reflexão sobre seus próprios direitos e para a construção de uma sociedade mais digna para todas e todos? Temos contribuído, as mulheres, para o avanço na igualdade?

Paloma Bonfil Sánchez - As mulheres fizeram contribuições em diversos planos: no nível filosófico, no âmbito político. Foi fundamental o movimento feminista em suas diversas expressões porque atinge todas as pessoas. No caso, por exemplo, de um movimento religioso, este vai dirigido àqueles que professam uma fé ou credo; no caso de um movimento de diversidade sexual, os convocados serão, especialmente, aqueles que participam des-



De igual forma, as redes sociais denunciam centenas de casos de desaparecimento de mulheres que não são resolvidos. É por isso que as leis não são suficientes para enfrentar o feminicídio, que é o grau mais alto de violência contra as mulheres e uma prática derivada da crença de que as mulheres são descartáveis, substituíveis e carecem de importância.



Foto Rina López

a todos. Cuando se habla de que por el hecho de ser hembra de la especie, se tienen menos oportunidades que nuestros pares varones, se está apelando a las mujeres y a los hombres por igual. Yo creo que esa es una aportación del feminismo a la posibilidad de imaginar una sociedad desde un plano filosófico y político. Luego, el feminismo ha aportado prácticas muy importantes: señalar la vulneración de derechos específicos contra las mujeres; construir, negociar, cabildear para levantar los marcos nacionales e internacionales de derechos humanos visibilizando las demandas de las mujeres; reconocer las diferencias entre mujeres. Todo esto representa un ejercicio de inclusión, de representatividad a nivel mundial que han hecho las mujeres. El movimiento de mujeres es mucho más visible internacionalmente que otros movimientos y se ha mantenido constante desde hace 40, casi 50 años. La sostenibilidad de las demandas, la organización, la propuesta de democratización de las relaciones personales, la identificación de espacios tanto de oportunidad como de techos de cristal, las desigualdades salariales, son denuncias y propuestas importantes para mejorar la vida social, los proyectos de desarrollo, las democracias. Otra aportación de las mujeres, menos valorada, es que hemos venido proponiendo maneras distintas de vivir, como también lo plantean los pueblos origi-

narios de distintos países. Se trata de propuestas de convivencia social, con planteamientos más sostenibles, menos agresivos, que proponen una refundación de la relación medio y sociedad. Sin idealizar, creo que los movimientos de mujeres feministas aspiran al poder para ejercerlo de formas muy distintas a como se ha venido haciendo. Pienso que esas son las aportaciones más importantes.



Otra aportación de las mujeres, menos valorada, es que hemos venido proponiendo maneras distintas de vivir, como también lo plantean los pueblos originarios de distintos países. Se trata de propuestas de convivencia social, con planteamientos más sostenibles, menos agresivos, que proponen una refundación de la relación medio y sociedad.

sa opção; e o mesmo acontece com um movimento político. Mas quando falamos da importância de dar valor à identidade última e pessoal de cada pessoa, essa proposta atinge a todos nós. Ao se afirmar que pelo simples fato de sermos a fêmea da espécie, temos menos oportunidades que os homens, na verdade se está apelando às mulheres e aos homens por igual. Eu acho que essa é uma contribuição do feminismo para a possibilidade de imaginar uma sociedade desde um plano filosófico e político. O feminismo fez contribuições práticas muito importantes: apontou para a vulnerabilidade de direitos específicos contra as mulheres; construiu; negociou; levou adiante os marcos nacionais e internacionais de direitos humanos fazendo visíveis as demandas das mulheres; reconheceu as diferenças entre as mulheres. Tudo isso representa um exercício de inclusão, de representatividade a nível mundial, feito pelas mulheres. O movimento das mulheres é muito mais visível internacionalmente, em comparação com outros movimentos, e se mantém constante há 40 anos, quase 50. A sustentabilidade das demandas, a organização, a proposta de democratização das relações pessoais, a identificação de espaços, tanto de oportunidades como de tetos de cristal, as desigualdades salariais, são denúncias e propostas para melhorar a vida social, os projetos de desenvolvimento, as democracias. Outra contribuição das mulheres, menos valorizada, é a proposta de diversas maneiras de se viver, tal como propõem os povos originários de diferentes países. São ideias para uma convivência social mais sustentável, menos agressiva; ideias que manifestam uma nova fundação da relação meio-sociedade. Sem idealizar, acredito que os movimentos de mulheres feministas aspiram ao poder para exercê-lo de formas muito diferentes de como tem sido exercido até agora. Acho que essas são as contribuições mais importantes.

Quais seriam, para a Sra., os caminhos que podem levar as mulheres a obter o pleno gozo de todos seus direitos?

Paloma Bonfil Sánchez - Acho que não há uma receita nem tampouco uma única via. Os caminhos são muitos, mas, em primeiro lugar, é necessário mudar o sistema em que vivemos, assim como seus valores, porque ele se baseia na espoliação das pessoas, dos recursos, dos animais, do ar. É um sistema que nos opprime e nos limita a todas e todos. Mas, paralelamente a isso, à transformação e substituição do sistema, acho que existem pequenos nichos que podem ir melhorando as condições das mulheres e, de igual maneira, e

Outra contribuição das mulheres, menos valorizada, é a proposta de diversas maneiras de se viver, tal como propõem os povos originários de diferentes países. São ideias para uma convivência social mais sustentável, menos agressiva; ideias que manifestam uma nova fundação da relação meio-sociedade.



gradativamente, as da sociedade. Precisamos compartilhar a responsabilidade doméstica e familiar, e não só em relação à criação dos filhos - algo que demanda e consome muito esforço das mulheres. Também consome muito tempo o cuidado dos doentes e anciãos. Acredito que essas coisas devam ser revistas. Outra coisa que se poderia fazer é, através de organizações de mulheres e de organizações mistas que procuram melhorar a qualidade e a dignidade da vida, ampliar oportunidades, estabelecer melhores condições de convivência e aspirar à igualdade e à inclusão. Acho que são essas as vias para que a vida das mulheres seja mais digna. Dentro desse processo, a educação é chave. Ela é uma aposta para médio prazo e não só para as novas gerações. Eu acredito, espero e confio em que os adultos também somos capazes de mudar nossas mentalidades e nossas práticas. A aposta na educação é fundamental e, no México, esse é um tema que se encontra absolutamente em crise, não só pelas manifestações que acontecem na rua, mas também porque o modelo educativo é uma resposta à sociedade que somos e não àquela que poderíamos ser. Precisamos que as mulheres sejam dignificadas em todos os espaços: desde as pequenas até as idosas. Se conseguirmos isso, seremos uma sociedade melhor para as mulheres e para os homens.

Quais são as implicações desses temas nos processos educativos?

Paloma Bonfil Sánchez - Falar em igualdade, em inclusão, em relações horizontais entre mulheres e homens no plano educativo nos leva ao fato de que a educação é um meio para desnaturalizar a desigualdade, as relações violentas; para desna-

En México, aparte de que la calidad de la educación –pública y privada– deja mucho que desear, existe una falta de cuidado y de respeto hacia la inteligencia y la sensibilidad de las personas. En la televisión, por ejemplo, se permite insultar a las personas de forma constante; se insulta la creatividad de las personas, su imaginación y su inteligencia. Lo que tenemos como oferta de televisión abierta es horrible y degradante; lo mismo ha ocurrido con la convivencia social, hay una pérdida de sentido común.



Para Ud., ¿cuáles serían los caminos para que las mujeres puedan obtener el pleno goce de todos sus derechos?

Paloma Bonfil Sánchez - Me parece que no hay recetas ni tampoco una sola vía. Hay muchos caminos, pero lo primero que hay que cambiar es el sistema en que vivimos y sus valores, porque es un sistema basado en la explotación de las personas, de los recursos, de los animales, del aire. Es un sistema que nos opprime y nos limita a todas y a todos. Pero al tiempo en que ocurre eso, al tiempo en que logramos transformarlo y sustituirlo, creo que existen pequeños nichos en los que se pueden ir mejorando las condiciones de las mujeres y, paralelamente y gradualmente, las de la sociedad. Necesitamos compartir la responsabilidad doméstica y familiar, no solo en la crianza de los hijos –un tiempo que insume y consume mucho esfuerzo por parte de las mujeres. También consume mucho tiempo el cuidado de los enfermos y los ancianos. Creo que esas cosas deben ser revisadas. También se podría, a través de organizaciones de mujeres y de organizaciones mixtas que buscan mejorar la calidad y dignidad de la vida, ampliar oportunidades, establecer mejores condiciones de convivencia y aspirar a la igualdad y la inclusión. Me parece

que esas son vías para hacer más digna la vida de las mujeres. En este proceso la educación es clave, pues representa una apuesta a mediano plazo, no solo con las nuevas generaciones. Yo creo, espero y confío en que los adultos también somos capaces de cambiar nuestras mentalidades y nuestras prácticas. La apuesta en la educación es fundamental y en México ese es un tema en crisis absoluta, no solo por las manifestaciones callejeras, sino porque el modelo educativo responde a la sociedad que somos y no a la que podríamos ser. Necesitamos que en todos esos espacios se dignifique a las mujeres: desde las pequeñas hasta las adultas mayores. Si lo logramos, eso nos va a hacer una sociedad mejor para las mujeres y para los hombres.

¿Cuáles son las implicaciones de estos temas en los procesos educativos?

Paloma Bonfil Sánchez - Hablar de igualdad, de inclusión, de relaciones horizontales entre mujeres y hombres en el plano educativo nos lleva al hecho de que la educación es un medio para desnaturализar la desigualdad, las relaciones violentas; para desnaturizar los valores de subordinación, de racismo y de exclusión. Esto porque las personas no nacemos con esas ideas, con esas prácticas, ni con esos conceptos, sino que son cosas que aprendemos. Y no hablo únicamente de la educación en las escuelas, sino también de la formación humana, de lo que absorbemos en casa, de lo que vemos y vivimos en la calle. En México, aparte de que la calidad de la educación –pública y privada– deja mucho que desear, existe una falta de cuidado y de respeto hacia la inteligencia y la sensibilidad de las personas. En la televisión, por ejemplo, se permite insultar a las personas de forma constante; se insulta la creatividad de las personas, su imaginación y su inteligencia. Lo que tenemos como oferta de televisión abierta es horrible y degradante; lo mismo ha ocurrido con la convivencia social, hay una pérdida de sentido común. Por eso pienso que la educación puede hacer germinar relaciones de reconocimiento, de respeto, pero tendríamos que desmontar los valores de la competitividad, del "ya me lo fregué y entonces soy buenísimo", o del "yo primero y después salvense quien pueda". De este modo no se puede llegar lejos y es eso lo que priva. Sin duda, también hay mayor sensibilidad en tópicos como los derechos de las niñas y los niños, los derechos de los animales y en torno al medio ambiente. Todo eso es importante, pero ¿cómo construyes un proceso que traduzca todo eso en cambios efectivos? Creo que también eso remite a

turalizar os valores de subordinação, de racismo e de exclusão. Isso porque as pessoas não nascem com essas ideias, com essas práticas, nem com esses conceitos, mas os aprendem. E não me refiro unicamente à educação nas escolas, mas também à formação humana que absorvemos em casa, que vemos e ouvimos na rua. No México, independente da qualidade da educação - pública ou privada - deixa muito a desejar, pois existe uma falta de cuidado e não se respeita a inteligência e a sensibilidade das pessoas. Na televisão, por exemplo, é permitido insultar, de forma constante, a criatividade, a imaginação e a inteligência das pessoas. Aquilo que se oferece na televisão aberta é horrível e degradante, e de igual forma acontece com a convivência social, há uma perda do senso comum. É por isso que acho que a educação pode fazer germinar relações de reconhecimento, de respeito, mas para tal é necessário desmontar os valores da competitividade, do que está por trás do "eu primeiro e salve-se quem puder". Desse modo, não poderemos ir muito longe, mas é isto o que prima. Em relação aos direitos das crianças, dos animais e àqueles vinculados com o meio ambiente, existe, sem dúvida, uma maior sensibilidade. E tudo isso é importante, mas como fazer para construir um processo que traduza esse

No México, independente da qualidade da educação - pública ou privada - deixa muito a desejar, pois existe uma falta de cuidado e não se respeita a inteligência e a sensibilidade das pessoas.
Na televisão, por exemplo, é permitido insultar, de forma constante, a criatividade, a imaginação e a inteligência das pessoas. Aquilo que se oferece na televisão aberta é horrível e degradante, e de igual forma acontece com a convivência social, há uma perda do senso comum.



Foto Rina López

la educación. De ahí la importancia de estimular el respeto, la imaginación, la cordialidad, la esperanza, como valores de la educación. No se trata de enseñar, sino de aprender; de aprender de los demás; de establecer espacios en donde todos podemos ser sujetos educadores y educados, en donde las opiniones de los otros y de las otras son tan valiosas como las nuestras; se trata de aprender a recibir reconocimiento y también a darlo. Se necesita educar para la paz, para la negociación, porque hemos exacerbado el individualismo bajo una visión de tradición occidental muy larga que se ha aplicado tanto a maniobras militares, como a una educación segregada por sexos. Se la ha aplicado en todo. Hay que cambiar las raíces de este pensamiento, así como sucede en el juego de ajedrez, en el que se aplica la inteligencia para eliminar al enemigo, en el que hay que comer al rey, a la reina, al alfil, al caballo. Se hace desaparecer a todos. Pero hay otras formas de pensar: en el juego del Go el enemigo no desaparece y la misión es limitarlo. Se trata de una visión totalmente distinta porque siempre va a haber algo que se nos oponga, que nos enfrente o que no nos guste y a partir del cual precisemos buscar cómo convivir.

cQuisiera agregar algo más sobre este tema?

Paloma Bonfil Sánchez - Solo decir que en medio de este panorama un tanto desalentador, creo que existen propuestas. En todo el mundo hay pequeñas y grandes experiencias de construir el presente y el futuro de manera distinta. Son experiencias que tenemos que conocer y buscar, de las que podríamos aprender muchísimo. Son propuestas de construcción de nuevos barrios, de nuevas formas de educación, de movimientos de derechos, de recuperación de ríos, de producción sustentable, y todo tiene que ver con otras maneras de vivir. Otra cuestión que me gustaría dejar al aire es la necesidad de pensar cómo mantenemos la luz de los movimientos sociales en sus pequeñas o grandes expresiones, porque hay una inteligencia humana que está ahí tratando de transformar las cosas y de abrir esperanzas, hay voces en todas partes que hablan de la generosidad humana. 

1 En América Central, la idea de ladino está vinculada a la población mestiza. El concepto se desarrolló en la época de la colonia para nombrar a quienes hablaban español pero no eran parte de la élite dominante (formada por los europeos y los criollos), ni de las poblaciones indígenas. En Guatemala, los ladinos son reconocidos oficialmente como un grupo étnico que incluye a los mestizos y los descendientes de indígenas que se consideran mestizados desde el aspecto cultural. Fuente <http://definicion.de/ladino/>



Foto Ángeles Henríquez



En todo el mundo hay pequeñas y grandes experiencias de construir el presente y el futuro de manera distinta. Son experiencias que tenemos que conocer y buscar, de las que podríamos aprender muchísimo. Son propuestas de construcción de nuevos barrios, de nuevas formas de educación, de movimientos de derechos, de recuperación de ríos, de producción sustentable, y todo tiene que ver con otras maneras de vivir.



Em todo o mundo acontecem pequenas e grandes experiências de construção do presente e do futuro de uma forma diferente. São experiências que precisamos conhecer e buscar e das que podemos aprender muitíssimo.

Trata-se de propostas para a construção de novos bairros, de novas formas de educação, de movimentos de direitos, de recuperação de rios, de produção sustentável, e tudo isso em relação com outras maneiras de viver.

tudo em mudanças efetivas? Acho que também isso nos remete à educação, daí a importância de estimular o respeito, a imaginação, a cordialidade, a esperança, como valores da educação. Não se trata de ensinar, mas de aprender. De aprender dos outros. De estabelecer espaços onde todos podemos ser sujeitos educadores e educandos, onde as opiniões dos outros e das outras são tão valiosas como as nossas. Trata-se de aprender a dar e receber reconhecimento. É necessário educar para a paz, para a negociação, porque exacerbamos o individualismo devido a uma visão tradicional ocidental muito prolongada que tem sido aplicada em tudo. Precisamos mudar as raízes desse pensamento, tal como acontece no jogo do xadrez, onde a inteligência é usada para eliminar o inimigo: o rei, a rainha, o bispo e o cavalo. Todos são desaparecidos. No entanto, há outras formas de pensar: no jogo Go o inimigo não some, mas a missão é limitá-lo. É esta uma visão totalmente diferente porque sempre haverá algo que nos seja contrário, que nos enfrente, do qual não gostemos e com o qual precisemos aprender a conviver.

Gostaria de acrescentar algo mais sobre este tema?

Paloma Bonfil Sánchez - Só gostaria de dizer que, em meio a este panorama tão desalentador, acho que existem propostas. Em todo o mundo acontecem pequenas e grandes experiências de construção do presente e do futuro de uma forma diferente. São experiências que precisamos conhecer e buscar e das que podemos aprender muitíssimo. Trata-se de propostas para a construção de novos bairros, de novas formas de educação, de movimentos de direitos, de recuperação de rios, de produção sustentável, e tudo isso em relação com outras maneiras de viver. Outra coisa que gostaria de deixar no ar é a necessidade de pensarmos de que formas é possível manter a luz dos movimentos sociais em suas pequenas e grandes expressões, porque existe uma inteligência humana que está tentando transformar as coisas e dar esperanças. Há vozes em toda parte que falam da generosidade humana. 

1 Na América Central, a de ladino está vinculada à população mestiça. O conceito se desenvolveu na época da colônia para nomear aqueles que falavam espanhol, mas não faziam parte da elite dominante (formada pelos europeus e pelos criollos), nem das populações indígenas. Na Guatemala, os ladinos são reconhecidos oficialmente como um grupo étnico que inclui os mestiços e os descendentes de indígenas que se consideram mestiços desde o aspecto cultural. Fonte <http://definicion.de/ladino/>



■ **iNI UNA MENOS, NUNCA MÁS!**

Clara Santamarina

Abogada, Co-coordinadora del área jurídica de La Asociación Civil La Casa del Encuentro • Argentina
lacasadelencuentro@hotmail.com.ar

En México, Susana Chávez Castillo había escrito en un poema el verso: "Ni una muerta más" para protestar por los femicidios en Ciudad Juárez en 1995. En Argentina, ante la ausencia de estadísticas oficiales sobre femicidios, la Asociación Civil La Casa del Encuentro produjo el primer Informe de Femicidios del país durante el año 2008. En el 2009, con el objetivo de ampliar y profundizar los monitoreos, se conformó el primer Observatorio de Femicidios en Argentina –dirigido por Ada Beatriz Rico–, que lleva el nombre de "Adriana Marisel Zambrano" y, desde ese entonces, cada año se publica un informe. Así, en marzo de 2015 se informó que en el período 2008-2014 se habían cometido 1.808 femicidios (esto es, cinco mujeres asesinadas por semana).¹ El impacto social frente a esas cifras fue inmenso.

Un par de meses después, teniendo como antecedente los números que La Casa del Encuentro había dado a conocer, los medios de comunicación informaron los femicidios de Daiana García y Chiara Páez y la sociedad reaccionó. Un grupo de periodistas hizo propia la expresión de Chávez Castillo y la convirtió en "#NiUnaMenos": ni una mujer menos víctima del femicidio; consigna para convocar a la movilización del 3 de junio de 2015.² La convocatoria fue impresionante. En suma, quedó expuesto el contexto de discriminación sistemática y de violencia que existe contra las mujeres.

Sin embargo, las transformaciones llevan tiempo.

Según el Informe antes mencionado, durante el año 2015 se registraron 286 Femicidios y Femicidios "Vinculados" de mujeres y niñas y 43 Femicidios "Vinculados" de hombres y niños. Esos datos elevan el número a 2.094 Femicidios

entre 2008 y 2015. Ahora bien, frente a este escenario: ¿qué pasa con la legislación de femicidios en Argentina?

El femicidio es la mayor expresión de discriminación y violencia hacia las mujeres; se construye sobre una desigualdad estructural de poder entre varones y mujeres, y es favorecido por patrones culturales que alientan y justifican la supremacía material de los varones, al tiempo que ponen a la mujer en situación permanente de vulnerabilidad.

Una Ley que reconozca el delito de femicidio

Desde su creación, el Observatorio de Femicidios en Argentina "Adriana Marisel Zambrano", hizo especial hincapié en la preocupación que generaba que la muerte de una mujer por el simple hecho de serlo, no constituyera una figura específica diferente al homicidio. Por ello, manifestó la necesidad de sancionar una ley que reconociera el delito de femicidio, como aquel cuyo bien jurídico tutelado no es solo la vida, sino la igualdad y el derecho humano de las mujeres a vivir una vida libre de violencia.³

La ley 26.791⁴ incorporó la figura de femicidio al Código Penal de la Nación. Se modificó la redacción del artículo 80, dentro del mismo, en sus incisos primero y cuarto, y se incorporaron los incisos 11 y 12. Reconociendo la desigualdad entre hombres y mujeres, la modificación legislativa determinó que el femicidio –es decir, el homicidio de una mujer, cuando sea perpetrado por un hombre mediante violencia de género–, será reprimido con la máxima pena prevista en nuestro sistema penal, es decir, prisión perpetua (inciso 11º). También se penalizó el "femicidio Vinculado", aquel cometido

hacia una persona con el propósito de causar un sufrimiento a otra con la que se mantiene o se haya mantenido una relación de pareja (inc. 12º). La Casa del Encuentro celebró la sanción de la ley 26.791, aunque lamentó que el femicidio haya sido incorporado como un agravante y no como un tipo penal autónomo. Tenemos la ley, pero hay que luchar por su correcta aplicación.

Actualmente, el desafío continúa y debemos tomar conciencia del envío que generó la convocatoria #NiUnaMenos. Debemos seguir exigiendo a los tres poderes del Estado que garanticen el derecho a una vida sin violencia, trabajando en la prevención, erradicación y sanción de la violencia hacia las mujeres. En particular, el Poder Judicial debe capacitarse en la temática para poder superar prejuicios machistas y estereotipos de género en la tramitación de las causas de femicidios.⁵ Todavía falta. Sigamos trabajando para que podamos decir juntos y juntas: ¡Ni una menos. Nunca más!

1 Cfr. <http://www.pagina12.com.ar/diario/sociedad/3-267401-2015-03-05.html>

2 Cfr. <http://www.bigbangnews.com/actualidad/Como-nacio-Ni-una-menos-la-marcha-contra-los-femicidios--20150603-0010.html>

3 LA CASA DEL ENCUENTRO, Asociación Civil, "Por Ellas... 5 años de Informes de Femicidios Observatorio de Femicidios en Argentina 'Adriana Marisel Zambrano', Ada Beatriz Rico, Fabiana Tuñez [et.al] 1era edición Buenos Aires: La Casa del Encuentro ISBN: 978-987-45156-0-5, 2013.

4 Ley 26.791. Sancionada: noviembre 14 de 2012, promulgada: Diciembre 11 de 2012.

5 Cfr. <http://www.diariopopular.com.ar/notas/239772-alerten-que-la-justicia-no-incluye-femicidio-causas>